

PESQUISA

Uma situação particular

Salário dos servidores faz com que renda no DF seja o dobro da nacional

● **Gustavo Henrique Braga**
gustavo.braga@jornaldebrasil.com.br

A renda domiciliar *per capita* (por pessoa) média dos brasilienses cresceu 37% entre 2001 e 2008, média de 4,6% ao ano, conforme levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feito a pedido do **Jornal de Brasília**. O valor é 17 pontos percentuais maior que o crescimento nacional no mesmo período, que cravou 20,6% - média de 2,7% ao ano. Isso significa dizer que a renda do morador do DF chegou a R\$ 1.234,99 em 2008, mais que o dobro da média nacional, R\$ 591,64.

Essa riqueza, entretanto, está entre as mais concentradas (menos distribuídas) do País. Enquanto, em 2008, os 10% mais pobres brasilienses tiveram renda de R\$ 85,68, os 10% mais ricos tiveram, de R\$ 5.948,56. Uma diferença assustadora, que revela o alto nível de desigualdade na capital federal.

Os dados revelam, ainda, que, ao contrário do que ocorreu no Brasil, a desigualdade na distribuição de renda aumentou no Distrito Federal entre 2007 e 2008. O motivo é que a renda dos 10% mais ricos cresceu 11,9%, em 2007, e 6,1% em 2008, contra 1,4% e 0, respectivamente, entre os 10% mais pobres.

SERVIDORES

De acordo com Fabio Monteiro Vaz, técnico e organizador das análises feitas pelo Ipea sobre os dados da Pnad, um dos fatores para esse fenômeno foi o conjunto de reajustes dados aos servidores federais - acima dos oferecidos no setor privado - nesse período. Fabio lembra que 16,5% dos trabalhadores ocupados no DF são servidores públicos, quase dez pontos percentuais a mais que a média brasileira, de 6,9%, daí o maior impacto da renda de origem pública na distribuição de riquezas local. Para se ter uma ideia, o rendimento médio de um servidor público do DF chega a R\$ 4.798 contra R\$ 1.342 dos empregados com carteira assinada do setor privado.

"Mesmo os reajustes para cargos de nível médio impactaram na concentração de renda, pois os ren-

dimentos de servidores públicos estão entre os mais altos comparados com outros setores", explica Vaz.

O economista do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, tem a mesma interpretação de Fabio sobre a distribuição de renda no DF.

"O índice de Gini (número usado para medir a concentração de renda) do DF é o maior do Brasil e o que menos caiu desde 2003. Com certeza, as rendas de origem pública, pensões e aposentadorias pesaram nesse resultado. A capital mais parecida com Brasília é o Rio de Janeiro, que já foi

sede do Governo Federal e teve fenômeno semelhante ao do DF", avalia Marcelo Neri.

Entre 2001 e 2008, os 10% mais pobres brasileiros tiveram incremento acumulado na renda de 72% – média de 8,1% ao ano. Já os 10% mais pobres brasileiros acumularam ga-

nho de 60,7% – média de 7% ao ano. Na outra ponta, os 10% mais ricos brasileiros acumularam 9,9% de aumento na renda, média de 1,4% ao ano, contra 38,2% dos brasileiros, média de 4,7% ao ano, o que explica o ritmo da queda na concentração de renda mais lento no DF.

CONTRASTE

UMA GELADEIRA E UMA TELEVISÃO

Com uma renda de meio salário-mínimo (R\$ 232), o autônomo Rai Dias, 52 anos, divide uma casa de três cômodos, onde mora de favor, na Estrutural, com a mulher, um neto e oito dos 15 filhos, com idade entre três e 26 anos. Os únicos eletrodomésticos de Rai são uma geladeira – fruto de doação – e uma televisão portátil. Ambas funcionam com energia vinda de uma gambiarra na rede elétrica. A comida – geralmente arroz, feijão e verduras – é preparada sobre o fogo armado no chão de terra batida do quintal, pois o fogão não funciona. A família come direto da panela, porque não tem louça, e a lava no tanque, também no quintal, já que a cozinha não tem pia. O único banheiro da casa conta com chuveiro e água encanada. A última notícia que recebeu dos três filhos mais velhos é que foram trabalhar em Maceió (AL), os outros quatro "estão por aí". Como não tem telefone, Rai não se comunica com os filhos há quase dez anos. Nenhuma das crianças está na escola. "Para fazer a matrícula cobram comprovante de residência, mas a casa não está no meu nome. Então, não aceitam meus filhos", argumenta o autônomo.

DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS

A professora de curso preparatório para carreira militar Tatiana Andréia Arimatéia, 39 anos, mora em uma casa de dois andares na Asa Norte com mais dois familiares. A casa é própria e tem cinco banheiros, quatro quartos, sala, cozinha, escritório, área de serviço, garagem e terraço. Uma realidade bem diferente da de Rai. Entre os diversos eletrodomésticos da casa estão cinco televisões, três computadores, três aparelhos de som, DVD, videogame, máquina de lavar louças, máquina de lavar roupas, aspirador de pó e liquidificador. A casa conta com toda a infraestrutura de água, luz e saneamento, além de serviços como telefone, internet e TV a cabo. As compras no supermercado sempre são fartas. "Não abrimos mão de comer bem. Sempre temos pão, carne, frutas, leite, requeijão, iogurte e biscoitos. Tenho que selecionar bem porque meu filho é diabético e precisa de alimentação diferenciada", revela Tatiana. A professora, que tem renda aproximada de R\$ 4,5 mil, atualmente se dedica a estudar para concursos "é uma boa opção de carreira", justifica.

ANDRESSA ANHOLETE



ALEXANDRA MARTINS



Extrema pobreza em queda

O Brasil reduziu a pobreza extrema à metade em 2008, em comparação com 2003, constatou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base nos dados da última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad). De 2001 a 2008, enquanto a renda *per capita* como um todo cresceu 2,8% por ano, a fatia dos 10% mais pobres da população brasileira viu sua renda crescer quase três vezes mais (8,1%). Enquanto isso, a renda dos 10% mais ricos cresceu à metade da taxa média brasileira (1,4%).

Apesar do aumento na renda *per capita* dos mais pobres, que o Ipea classifica como um "nível chinês" de crescimento, o nível de desigualdade brasileiro continua com taxas muito elevadas. Enquanto os 40% mais pobres vivem com 10% da renda nacional, os 10% mais ricos vivem com mais de 40%, aponta o estudo.

A pesquisa mostra que a porcentagem da população residente em domicílios de boa qualidade, com ao menos o conjunto básico de bens de consumo duráveis, passou de 44,6% para 56,5%, no período de 1998 a 2008. No entanto, a ocupação adequada foi o único aspecto apontado pela pesquisa

10%
**mais pobres da
população
brasileira viu sua
renda crescer
três vezes mais**

que se tornou mais concentrado nas camadas mais ricas da população. Pessoas no topo da distribuição de renda tiveram mais acesso a domicílios próprios quitados, apesar da redução na desigualdade de renda e na pobreza constatada pela pesquisa.

MOBILIDADE MENOR

Outro dado da pesquisa, esse revelado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que a crise financeira mundial reduziu a velocidade de crescimento das classes A,

B e C no Brasil. De julho de 2008 até julho de 2009, o incremento destas classes sociais foi de 1,81%. Antes da crise, entre os anos de 2007 e 2008, o aumento foi de 25,7%. O economista Marcelo Neri, da FGV, comandou a pesquisa e explica que a parcela da população da cidade de São Paulo que figurava nas classes A, B e C apresentou queda de 0,68% entre julho de 2008 e julho de 2009.

Já na região nomeada pela FGV como "periferia da Grande São Paulo" (que abrange o ABCD paulista), as classes A, B e C ficaram praticamente estáveis, registrando pequeno crescimento de 0,67%.

De acordo com Neri, a crise serviu para mostrar a força das regiões periféricas das grandes cidades. O economista observa que a superação dos índices das capitais também foi verificada em outras regiões metropolitanas. No Rio de Janeiro, por exemplo, a capital teve variação negativa de 1,6% e resultado positivo de 3,8% na periferia.

"Os dados, apesar de positivos, precisam ser vistos com cautela. O grupo que contempla as classes A B e C está em viés de baixa e a classe E segue ascendendo", destacou o pesquisador da FGV.

ANTONIO CRUZ/ABR



Neri: Crise serviu para mostrar força das regiões periféricas